

# PÚBLICO

M A G A Z I N E

N. 224 19/6/94

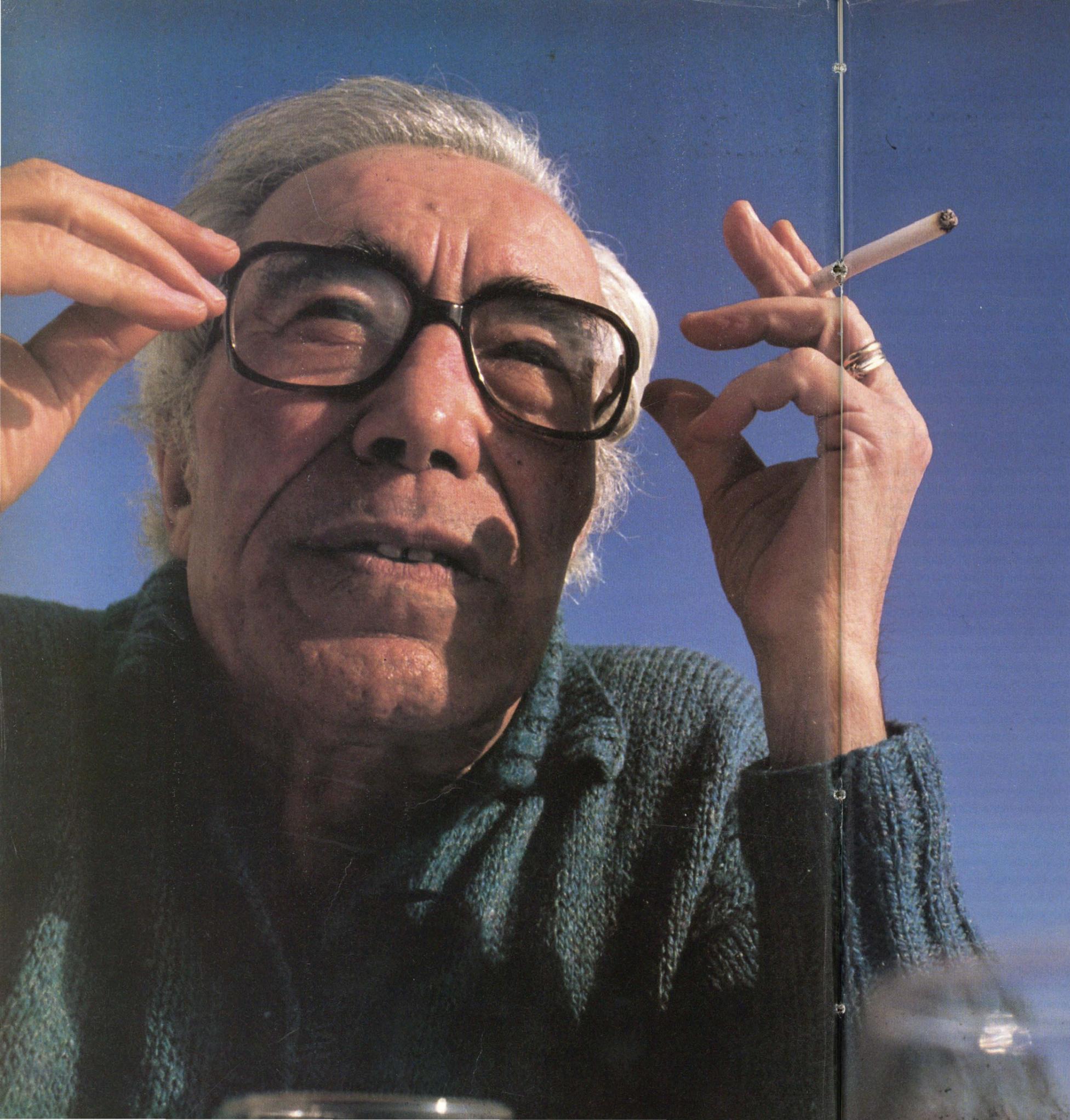


**TAUROMAQUIA**  
UM JOVEM ÍDOLO  
CHAMADO  
PEDRITO DE PORTUGAL

**FOTOGRAFIA**  
AS PIORES GUERRAS  
PELOS MELHORES  
REPÓRTERES

**PATRIMÓNIO**  
O TEMPLO  
ESQUECIDO DE S. GIÃO

**ENTREVISTA COM**  
**JOSÉ CARDOSO PIRES**



JOSÉ CARDOSO PIRES

# COISÍSSIMA NENHUMA, GRAÇAS A DEUS!

TEXTO: ANA SOUSA DIAS  
FOTOGRAFIAS: LUÍS RAMOS



O caso resume-se desta maneira: corromper a língua como se corrompe um objecto de desejo. Ou tentar chegar aí mas nunca chegar efectivamente, nunca atingir a tranquilidade. Chegar a sítios onde a gramática deixou raízes e cortar rente. “Coisíssima nenhuma”, seguida de ponto de exclamação. José Cardoso Pires, escritor, 68 anos, fala aqui — talvez um pouco de longe, com aquele sorriso entre a ironia e o gozo — dos amigos, dos livros, da juventude, de Lisboa, de tudo o que a conversa trouxe à mão. Imparável. >>

>> Fez um pouco de muitas coisas na vida, foi estudante universitário de Matemática, rapaz mal-comportado e fugidio, activista político q.b., marinheiro de águas confusas, tradutor e correspondente comercial. Foi amigo de muitos amigos, tantos que enunciá-los era quase um catálogo de escritores, pintores, escultores, jornalistas. Meteu-se a escritor e não largou o osso. Pelo caminho, deu aulas no King's College, em Londres, onde viveu com García Marquez, e teve honras de "escritor convidado" na universidade inglesa. Um dia destes, lá vai ele outra vez meter-se na casa da Caparica, vista larga sobre a praia e os clandestinos, na companhia dos pintores amigos e da fotografia solene e encenada dos quatro tios da América. Vai escrever, deixar de lado o uísque para beber apenas água e leite, e uma espécie deslavada de café, remexer no livro de que já fez duas versões. Ele, vigiado por um leitor que é ele também, e lá no alto, de costas, um deus intolerante, fundamentalista, agressivo, a tomar conta da ocorrência e, quem sabe, a deixar cair, sem pré-aviso, uma ideia. No fim, quando o novo livro chegar às bancas, quem vai ficar a ganhar somos nós. Graças a Deus.

**P**ÚBLICO — *Nasceu em 1925, praticamente ao mesmo tempo que o Estado Novo. Portanto, cresceu, amadureceu e chegou praticamente aos 50 anos no regime fascista. Como é que se rompe a barreira dessa vivência, como é que se quebra o medo?*

**JOSÉ CARDOSO PIRES** — Eu tive a sorte de nascer no bairro de Arroios, um bairro popular, e de andar numa escola da Câmara. Desde miúdo, até aos meus 24 ou 25 anos, levei uma vida dupla. Sentia-me melhor com os indivíduos fora da lei e fora da classe do que com os meninos do Liceu Camões, da universidade. Evidentemente, o que me ajudou bastante foram as relações políticas. No liceu, no 7º ano, comecei a interessar-me por política, comecei a ter companhias e isso fez-me perder o medo.

**P.** — *Nessa altura, o regime era muito violento?*

**R.** — Era violentíssimo. Fazíamos piqueniques e, quando chegávamos ao sítio, já lá estava a polícia à espera. Do meu grupo faziam parte o Mário Soares, o Mário Ruivo, o Zé Dias Coelho. O meu pai conseguiu, não sei lá como, que eu não fizesse a Mocidade Portuguesa. Eles iam todos ao sábado marcar passo e eu andava mas era a tratar de outras coisas. Na Faculdade de Ciências, o ambiente era de ferro, de queimar. Estava cheia de rapaziada da esquerda, não sei de onde é que ela veio. E depois tinha a Pide lá dentro: o chefe dos contínuos era da Pide, alguns funcionários, o Silva Passo era meu colega de turma e era da Pide. Mas era uma geração altamente politizada e muito unida. Prendiam uns tantos por uns dias e depois soltavam-nos, a não ser quando eram coisas mais sérias. O Pomar, por exemplo, esteve uma data de meses preso com o Mário Soares, até fez um retrato dele na cadeia. O medo perde-se por consciência colectiva.

**P.** — *Foi na escola que começou a interessar-se por literatura?*

**R.** — No liceu, comecei a interessar-me. Depois saí de casa, deixei a família, vivia com uma rapariga que era empregada no Último Figurino, nunca mais me esqueço. Foi das melhores experiências que eu tive porque aquela mulher enganou-me até ao fim, dizia-me que tinha 19 anos e tinha 15 ou 16. Era uma mulher com experiência, de maneira que aprendi muito com ela. Ela trabalhava e eu fazia correspondência comercial, com dificuldades

porque havia muito desemprego. E jogava bilhar na Cervejaria Portugália, onde se juntavam os carteiristas.

P. — *E havia um fascínio especial nessa marginalidade?*

R. — Para mim, era fascinante o lado humano. É evidente que havia tipos do pior, de um modo geral eram desprezíveis, eram cobardes quase todos. O tipo bom era diferente, sabia, tinha traquejo. Nessa altura, eu já lia muito nas bibliotecas públicas, nos jardins. Lembro-me que um dos livros que mais me emocionou na vida foi um livro do Alves Redol, vinham-me as lágrimas aos olhos... Hoje acho aquilo péssimo, concerteza. Depois comecei a ter contactos com o Cesariny. O Lopes Graça tinha então a Academia dos Amadores de Música. E, no teatro da Manuela Porto, representava a Maria Barroso, recitava o Manuel da Fonseca.

P. — *Nessa altura já escrevia?*

R. — Depois da aventura na marinha mercante [ver caixa], deixei a faculdade e vivia de traduções. Nos livros do Brasil [coleção Vampiro], pagavam miseravelmente. Pegava num livro, abria-o, punha a máquina de escrever ao lado e nunca lia o livro. Assinava com pseudónimos. Resolvi tentar o jornalismo. Fui ter com o Joaquim Manso, que era meu padrinho. Fez-me uma preleção assim: “Deixe-se de aventuras, porque o jornalismo é uma troca de favores.” Isto é a definição de um director de jornal daquele tempo. Desisti. Nessa altura, já andava na literatura, andava com os neo-realistas, era protegido por eles — eu, o Cesariny e o Eugénio de Andrade. Faço parte do grupo que contesta o neo-realismo pelo seu lado populista, demagógico e romântico — com o O’Neil e o Cesariny. De relações vivas de amizade, fica o Redol, sem grande gosto pela literatura dele a não ser pelo “Baranco de Cegos”, um dos grandes romances portugueses. O Carlos de Oliveira foi meu grande amigo também, fomos amigos até à última hora e ele é um dos escritores que mais admiro.

P. — *Foi quando publicou os contos do “Caminheiro”?*

R. — A malta da minha geração escrevia em casa o seu poema, ia publicar e ficava toda contente. A fúria de escrever veio-me de repente. Comecei a escrever contos e a sentir prazer naquilo. Mas não tinha editor, não era como agora. O movimento editorial está difícil para os jovens, mas, naquele tem- >>



Júlio Pomar, Castro Soromenho, Alice Jorge e Cardoso Pires, em Lisboa, num ano que o escritor não sabe localizar (em cima). Na Fonte da Telha, em 1957, na companhia de Alves Redol.

FOTOGRAFIAS: ARQUIVO PESSOAL DE JOSÉ CARDOSO PIRES



Esta respeitável fotografia dos tios do escritor, datada de 1923, era a prova de que, emigrados, estavam bem na vida. Mas tudo nela é falso. O fotógrafo de Fall River já a sabia toda e tinha o décor e os pormenores preparados com rigor. Chapéus, sobretudo, flores, charutos, tudo é



alugado. A distância entre os quatro irmãos permitia recortar a foto em quatro, uma para cada agregado familiar. Montaram bares e acabaram por enriquecer o suficiente para dar à descendência uma vida desafogada. Imponente, a foto dos tios da América.

## HISTÓRIA GROTESCO-MARÍTIMA



**E**m 44, no fim da guerra, a Marinha Mercante criou o posto de 'praticante de piloto sem curso' que era uma espécie de sub-oficial de ponte ou coisa assim. Bastava o curso dos liceus para concorrer a esse cargo e eu, sem mais aquelas, deixei a Faculdade e inscrevi-me na Capitania.

Embarquei no cargueiro Sofala, que levava tropas para Timor, sob o comando de um espantoso homem-de-mar chamado Peixe, Gustavo Peixe, um autêntico personagem do Moby Dick.

Foi uma viagem quase irreal, para mim. Sem saber nada, mas nada, de navegação via-me na ponte do comando, na companhia do segundo-piloto, a atravessar o Atlântico. E, mais estranho ainda, uma das minhas missões era estar atento ao mar para descobrir qualquer mina flutuante!

Claro que milagres destes nem na imaginação do Melville, e eu agarrado ao binóculo lá ia pelo

oceano fora, à espera duma iluminação do acaso. Que nunca aconteceu, está visto. De modo que sem minas nem submarinos à vista, lá chegámos a Lourenço Marques.

Mas antes disso houve outras surpresas, como aquela expedição sexual que os oficiais de bordo fizeram no Lobito. Uma coisa sórdida, acredite. Partimos de táxi a caminho dumas cubatas nos arredores da cidade e cada um escolheu a sua dama. Pretinhas para aí de doze ou treze anos, chefiadas por uma velha de cachimbo, está a ver?

O mais estranho é que aquilo não era uma aventura de bordel, nada disso. Tratava-se do simulacro dum casamento mais ou menos oficial com escritura assinada por cada branco com um nome falso, dote em dinheiro, uma aguardente para festejar e, posto isto, adeus ó virgem que o barco não podia esperar.

Eu recusei entrar na festa. Fiquei sentado no táxi, de pernas para fora, a abanar. Mas à noite, ao jan-

tar, soube tudo em pormenor. Tudo, sem tirar nem pôr. Aqueles oficiais, de galões e diploma da Escola Náutica, contavam o assalto às virgens com uma ironia selvagem até ao mais íntimo detalhe...

Adiante. Rituais de marinheiros eram cerimónias que havia que aceitar antes que o tubarão dourado nos viesse cair em cima, e para a frente é que era o caminho. Mas mais adiante comecei a pensar muito seriamente noutro problema: levar tropas para Timor, o que era isso? E, nem de propósito: duas ou três noites depois de o Sofala ter atracado em Lourenço Marques, encontrei num bar de marinheiros — o Penguin, da célebre Rua Araújo — um cabo-verdiano que estava embarcado num cargueiro liberty, dos Estados Unidos, chamado Miomy Baldwin, com rumo a Carachi.

Conversa de copos, a ideia de desertar a aquecer dentro de mim, o cabo-verdiano a incitar com promessas e aventuras, e no dia seguinte

já estava na presença do capitão a assentar a minha transferência para a marinha do tio Sam. Assim, sem mais nem menos.

Fizemo-nos ao mar nessa madrugada, mas a algumas milhas da costa apareceu um tripulante com uma daquelas doenças extremamente contagiosas de origem sifilítica e, azar o meu, o Miomy Baldwin regressou a Lourenço Marques para o desembarcar.

O imediato do liberty escondeu-me no paiol da amarra, um sítio que nem o diabo se lembra de descobrir e foi lá que a polícia e o médico do porto me foram desencantar quando inspeccionavam o Miomy Baldwin.

Dali levaram-me logo para a cadeia, está visto. Mas cadeia aberta, só para pernoitar, enquanto não chegasse o paquete Niassa que me levasse de retorno a Portugal. Tardes no Penguin ou na esplanada do Scala, donde assistia ao espectáculo inacreditável das dezenas de negros acorrentados que alcatroavam a

avenida, passeios à Polana, enfim, a minha aprendizagem do paraíso colonial foi feita nesses poucos dias de prisão aberta.

Até que chegou o Niassa e, para total assombro meu, vi-me embarcado, não como detido mas como praticante de piloto sem curso, como dan-tes. A bordo iam o actor Octávio de Matos e as bailarinas de cabaret Hermanas Lopez que regressavam duma tournée pelos casinos de Moçambique e eram agora as ninfas do Oceano. Bailavam no convés pelo mar fora, cantavam no salão de dança, bebiam champanhe no camarote do comandante... uma alegria!

A mim, já se vê, estavam-me destinadas as tarefas mais desprezíveis e quando chegámos a São Tomé o imediato, que era um Sindbad possuído de ciúmes furiosos, desembarcou com as Hermanas e trouxe-as carregadas de prendas. Eu, proibido de deixar o navio, marcava carga à boca do porão e assistia àquelas expedições amorosas com alguma ironia. Tudo bem, portanto.

Mas as espanholas, além de sapateado tinham um coração sensível e vinham-me fazer companhia para o porão com conversas de maldade e coplas para descontraír.

Sindbad, de das prendas, não gostou, já se vê. Arrancou-me do porão com uma ordem de berro e meio e depois duma conversa em tu cá, tu lá (bastante movimentada, por sinal), mandou-me recolher ao camarote em regime de detenção.

Lá em cima, frente às baleiras, a vida era boa para a meditação e eu não me sentia nada mal, mas as Manas Lopez para tresloucarem ainda mais o Sindbad vinham a toda a hora para o pé de mim cantar o

Yo no soy marinera, yo no soy marinera

Por ti serei...

Foi portanto numa navegação cantante que regresssei à Pátria amada, o que não acontece a qualquer um, havemos de confessar. Lá para trás a aventura, o acaso e o grotesco perdiam-se num traço de espuma até ao Tejo." ●

(Versão directa de José Cardoso Pires)



Amigos inseparáveis durante larguíssimos anos, Alexandre O'Neil e Cardoso Pires. Caparica, 1958.

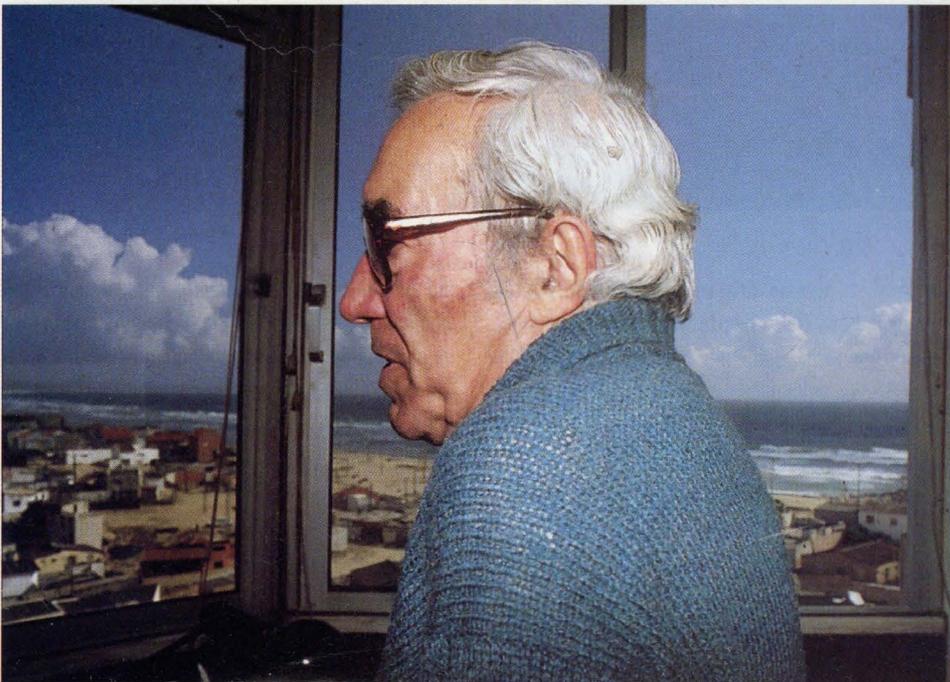
>> po, até para os consagrados estava difícil. Juntaram-se os amigos todos, fiz uma edição dos "Caminheiros" aí com 1500 exemplares, lembro-me que o Eugénio de Andrade ia para o Café Portugal com uma pasta carregada dos meus livros. Ele tinha a profissão de visitar médicos. Vendia a pastilha e vendia um livro.

P. — Foi pelo surrealismo que cortaram com o neo-realismo?

R. — Não, nós cortámos com o neo-realismo e não era para ir para o surrealismo. Era demagógico, era romântico e isso revoltava-

nos. Foi a minha geração que deu uma sintaxe citadina à prosa portuguesa. O Namora escrevia sobre Lisboa e cheirava tudo a Coimbra e às Beiras. O que escapou rápido foi o Carlos de Oliveira, porque era superdotado. Ele nunca escreveu sobre Lisboa mas tem uma sintaxe que já não é rural. Antes deles, quem fez o que eu chamo sintaxe citadina foi o Almada, um dos grandes escritores portugueses e um dos pintores que eu menos prezo. Acho-o um pintor menor.

Os responsáveis do neo-realismo — o Mário Dionísio era o papa — fi- >>





Em Paris, com Castro Soromenho e Maria Lamas, Novembro de 1957, num restaurante da rue Monsieur Le Prince (em cima). Um jantar da oposição: reconhecem-se, da esquerda para a direita, Duarte Vidal, Maria Barroso, Mário Soares, Irene Zenha, Edite Cardoso Pires, Salgado Zenha e José Cardoso Pires (em baixo)



>> caram nossos amigos. Não cortámos relações de amizade, mas claro que passou a ser mais distante. Não houve grandes polémicas, só aquelas biscas que o O'Neil mandava. Quando fizeram a primeira exposição, eu disse que não participava, até porque era o único prosador. O O'Neil também ficava pior que uma fera quando lhe diziam que ele era surrealista, porque ele não era. Não

há um verso surrealista do O'Neil, nem uma prosa surrealista. No Cesariny, há umas imitações. É um caso como o Almada, um grande poeta e um pintor que não me interessa nada. Depois, vem de lá do Minho o António Pedro, vê o nosso grupo e pensa que o surrealismo renasceu. Lá vem ele por aí abaixo tomar conta dos rapazes. Associa-se o França e então o surrealismo começa a aquecer. À

medida que o surrealismo aquecia, eu arrefecia e, daí a um bocado, eu não era nem uma coisa nem outra.

P. — Nunca “cometeu” nenhuma poesia, como dizia o outro?

R. — Nunca cometi nenhuma poesia, nunca escrevi um verso. Embora os meus livros estejam cheios de anexins em verso inventados. Mas nunca escrevi um verso à mulher amada — e era incapaz. Portanto, estava um bocado à margem disso tudo.

P. — Isso é uma característica sua, o estar à margem?

R. — Sim, sempre gostei. Gosto de estar ao pé. Por exemplo, ainda andei em tertúlias com o Carlos de Oliveira, o Cochofel. Nunca fui estudante de café, que era uma coisa obrigatória no meu tempo. Não sou capaz de escrever senão sozinho; por isso é que vou para a Caparica. Antigamente, fechava-me à chave e, de modo geral, escrevia toda a noite.

P. — Em relação à família, também tem uma relação muito forte e muito longe?

R. — Fui sempre o mais independente possível em relação à família. Estou casado há 40 anos e gosto muito da minha mulher — é a pessoa de quem mais gosto no mundo — mas gosto de independência. Gosto de que ela fique aqui e me deixe ir para a Caparica. E, com as miúdas, procurei sempre também dar a maior independência possível. Mas sem esforço, porque eu também quero a minha. Quando um pai não dá independência aos filhos, perde a independência dele.

P. — Esse tempo do grupo que veio a dar o surrealismo foi vivido intensamente?

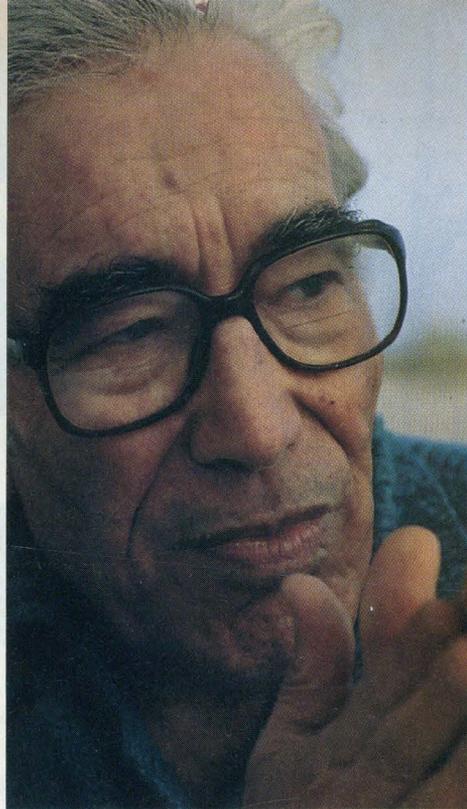
R. — Foi um bom período. Um bocado anarca, mas tudo muito preso ao Partido Comunista.

P. — Como é que chegaram aí? Foi através dos neo-realistas?

R. — Eu entrei pelo Cesariny, foi ele que me levou. O Pomar vivia no Porto, não me lembro bem. O O'Neil também era do Partido Comunista, foi preso, e o Cesariny também, e eu só não fui porque fui para o Brasil, na altura do Kublicek. Deste grupo todo, quem sai mais tarde do Partido Comunista sou eu.

P. — Quando é que se afastou?

R. — Na manhã do dia 26 de Abril de 74. Queria experimentar viver em liberdade, em democracia burguesa. Foi no Largo do Carmo que pensei nisso. Quero ver o que é isto, quero liberdade para ver como é. Não há ressentimentos de parte a parte. A recordação que tenho do Partido Comunista é de uma tolerância enorme da parte deles, porque fiz coisas contra todas as regras. Sempre fui um bocado marginal. Continuo



R. — Gostei do Vailland, ao princípio, das coisas que ele fez, inclusivamente conheci-o, tive convívio com ele, muito francês, muito tipo séc. XIX. Era bom companheiro, como o Claude Roy, estivemos juntos várias vezes em Paris e tenho cartas deles. Mas o Vailland começou a parecer-me um produto provocatoriamente herético. Um tipo lê o Sade, que é um escritor que eu não admiro muito (felizmente não está aqui o Cesariny), acho-lhe interesse, piada, serve-me para algumas coisas, e vê-se que é o exemplo típico da aristocracia mental francesa. E o Vailland tinha isso. A mulher conta, no livro dela, que ele a levava às putas. Para quê? Está bem, iam os três às putas, perfeito. Mas o que é que isso me interessa? Ah, é um acto de coragem... Actos de coragem desses posso eu ter vinte. São fáceis.

P. — *O que é um acto de coragem?*

R. — É aquele em que os riscos não se conhecem. Eu ainda hoje não tenho um conhecimento concreto do que seja uma puta. Nunca as frequentei, “mea culpa”. Uma vez, há poucos anos, apareceu uma prostituta de um movimento reivindicativo. Conheci-a a ela e ao marido, ao chulo. Moravam numa cave, com um filho de cinco anos, uma vida familiar. O marido a fritar iscas, a perguntar se eu queria comer. Ela vinha da estrada, de fazer a sua vida e a contar tudo diante do chulo. Ele teve a melhor frase da conversa: “Isto de ser chulo não é fácil.” Ela saía daqui, metia-se à boleia e ia para a estrada apanhar os camionistas. Fui, com curiosidade de ver se podia escrever alguma coisa sobre isso. Mas percebi que era muito difícil.

P. — *Porquê?*

R. — Era preciso que eu convivesse com ela muito tempo. Percebi que havia de haver qualquer coisa que eu não tinha apanhado. O Tchekov — por quem eu tenho uma veneração muito grande — diz que, às vezes, basta ouvir uma frase para escrever um bom conto. E ali não apareceu nada, as pessoas ficariam chocadas com a história, mas não era isso que eu >>>

a ter o maior respeito pelo PC e encontro nele alguns amigos de sempre.

P. — *Disse há pouco que, quando escreve, vai para a Caparica.*

R. — Quando quero escrever um romance, gosto de estar sozinho. A presença de qualquer pessoa chateia-me. Sou capaz de estar sentado à mesa dez horas, a beber água e a fumar. Bebo chá, leite, há uma papa que eu compro, que o meu neto costuma comer, como uma pratada daquelas e fico arrumado. Não bebo. Já fiz umas experiências, decidi que havia de cozinhar bem. Há mesmo um artigo do Assis Pacheco que diz que comeu em minha casa uns tordos fantásticos, mas a verdade é que os tordos tinham-me sido ensinados na véspera.

P. — *Há pouco, falou nos “Caminheiros”, depois escreveu as “Histórias de Amor” e, depois, vem “O Anjo Acorado”, que já não é um livro de contos.*

R. — Fui sempre contra os franceses, não gosto deles.

P. — *Excluindo o Vailland...*

## BIBLIOGRAFIA



*Os Caminheiros e Outros Contos*, 1949

*Histórias de Amor*, 1952

*O Anjo Acorado*, 1958

*O Render dos Heróis*, 1960

*Cartilha do Marialva*

*Jogos de Azar*, 1963

*O Hóspede de Job*, 1963, Prémio Camilo Castelo Branco da APE

*O Delfim*, 1968, seleccionado como “livro do ano” pelo “Nouvel Observateur”, “Quinzaine Littéraire” e “Le Monde”

*Dinossauro Excelentíssimo*, 1972

*E agora, José?*, 1977

*Corpo-Delito na Sala de Espelhos*, 1980

*O Burro-em-Pé*, 1979

*Balada da Praia dos Cães*, 1982, Grande Prémio do Romance e Novela da APE e da Fund. Gulbenkian

*Alexandra Alpha*, 1987, Prémio da Associação de Críticos Brasileiros

*A República dos Corvos*, 1988

*Os contos de “Os Caminheiros” e parte dos contos das “Histórias de Amor” foram incluídos na colectânea “Jogos de Azar”*

*Prémios Internacionais: Premio Internazionale Unione Latina, Roma, 1991; XXV Premio Internazionale Ultimo Novecento, Pisa, 1992*

*Edições nos EUA, Grã-Bretanha, França, Itália, Espanha (castelhano e catalão), Alemanha, Finlândia, União Soviética, Holanda, Roménia, Polónia, Grécia, Cuba, Brasil, Checoslováquia e Bulgária* ●

\*  
  
  
 Adriano Ramos-Pinto, S.A.  
 Importador Exclusivo

Já tenho!  
 Já tenho um  
 rótulo  
 Cutty Sark



Vou ganhar uma viagem  
 no veleiro “Dar Młodzieży”.  
 Só falta enviar o rótulo  
 para o Apartado 330,  
 4401 Vila Nova de Gaia Codex



... Até 30 de Junho



Só se o  
 carteiro vier  
 a voar!



No Largo do Carmo, 25 de Abril de 1974, dia de Revolução e de decisões.

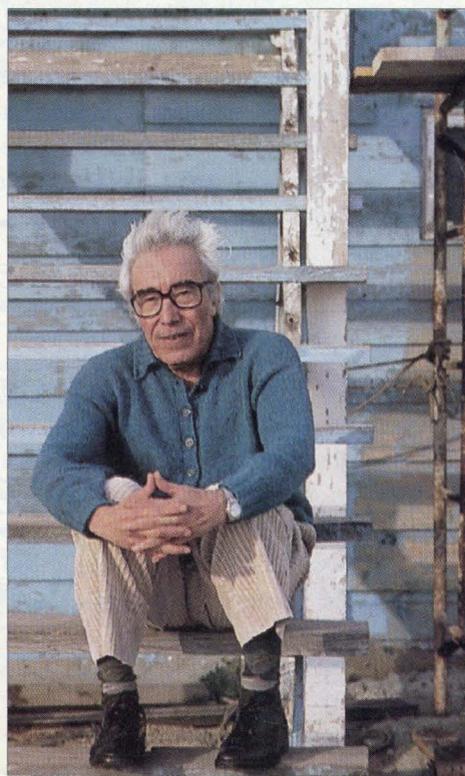
>> queria. Tomei nota de uma coisa, que é um autêntico poema, que ela disse: “Os sabores do esperma...” Espantoso. Eu não queria fazer uma reportagem, queria contar uma história e não apanhei o fio.

P. — *Estamos a falar disso por causa do Vailland e de não ser influenciado pelos franceses.*

R. — Eu tinha uma paixão muito grande pelos norte-americanos; nessa altura, tinha lido mais norte-americanos que ingleses. E eram eles que utilizavam mais o discurso directo. Mesmo quando era indirecto, a linguagem era despida de adjectivos. Fui muito influenciado pelo Stephen Crane e pelo Hemingway por causa disso, e, então, no meu primeiro livro, há contos só em diálogo. É mesmo um esforço. Hoje já me libertei disso; por exemplo, na “República dos Corvos” há capítulos inteiros sem discurso directo. Mas era a reacção natural. O meu sonho de escrita seria uma coisa mais ou menos como aqueles malabaristas que andam descalços em cima de uma lâmina: o mais pequeno desvio para a esquerda ou para a direita é o corte — escrever no gume da lâmina, já o disse muitas vezes. Há um poema que diz isso melhor do que eu, um ex-

traordinário poema do João Cabral de Melo Neto. Era isso que eu queria, era isso que eu gostava de ser capaz de fazer. Eu prefiro pecar por defeito do que por excesso. Um livro é para ser escrito pelo leitor também.

P. — *Embora não esteja a pensar nos leitores quando escreve?*



R. — Estou-me nas tintas para o leitor, quero lá saber do leitor para alguma coisa. Tenho, sim, um leitor ideal, que é um desdobraimento daquilo que eu gostava de ser.

P. — *Mas escreve e reescreve até chegar ao momento em que acha que está certo?*

R. — Sim, faço versões dum mesmo livro. Algumas deito fora e outras dou. Há um momento em que já estou incapaz de acrescentar ou tirar qualquer coisa. Este livro que estou a fazer já vai na segunda versão — isso por muitas razões.

A certa altura, você sente que há certos personagens que não gostam de si. Você está a escrever e a perceber que há um deles com quem não se entende, porque está a forçá-lo. Começou-o e depois quer que ele vá para ali mas criou-o de tal maneira que ele quer ir para outro lado. E então há dois remédios: ou serve para o romance e então tudo tem que ir atrás dele, ou então sai uma figura estereotipada e menor.

P. — *E deita personagens borda fora?*

R. — Sim, já me aconteceu. E, curiosamente, com os personagens que prometiam mais. Aí é que é o falhanço de um autor: ver fugir as suas figuras que prometiam. Faltou

qualquer coisa que não se soube agarrar, não é? Depois há outra coisa que eu acho importante: todos os romances que se escreveram até hoje, desde o Tolstói ao "Ulisses": estão sempre inacabados. Eles vivem, apesar disso, e mesmo assim são grandes, enormes. No que me toca, há contos que escrevi e que só muito mais tarde rejeitei. Mas vaidosamente digo que continuo a gostar do que publiquei.

P. — *E há livros de que gosta mais do que outros?*

R. — Claro que gosto mais de uns do que de outros.

P. — *De qual gosta mais?*

R. — Daquele que estou a escrever, porque é nele que ponho mais esperanças. Posso, por exemplo, achar que o "Hóspede de Job" é um romance ingénuo, mas também foi a primeira vez que alguém escreveu sobre o Alentejo sem utilizar um termo alentejano, um calão local. É tudo linguagem citadina. É isso que dá, para mim, o interesse do livro e, ao mesmo tempo, o facto de não me entusiasmar. Porque foi um livro escrito num momento em que estava muito magoado com a morte do meu irmão.

P. — *Ainda não falámos de Lisboa, a cidade das suas raízes. É uma Lisboa especial, que conhece bem — a noite e o dia.*

R. — A noite de Lisboa que eu conheço já não existe. Eu hoje saio à noite e faço a vida mais banalizada. Conheço bem uma certa noite de Lisboa. Conheço bem a cidade.

P. — *Que Lisboa é essa?*

R. — Não é, com certeza, aquele monumento estalinista, o Padrão dos Descobrimentos, até à Torre de Belém que é um bolo de noiva, uma vergonha... A única coisa que eu acho de belo e de grandioso em Lisboa são os Jerónimos. Mesmo a Sé, coitadinha da Sé... Compare com qualquer cidadezinha pequeni-



Com Gabriel García Márquez, no aeroporto de Lisboa, em 1975.

na de Espanha e encontra uma sé maior e melhor do que aquela.

P. — *Então de que é que gosta?*

R. — Gosto de uma parte da paisagem e de uma unidade que a cidade tem. Apesar de estar toda esfrangalhada, consegui ter uma unidade ousada e difícil. Gosto da luz, claro, mas, para mim, não é aquela luz branca de que fala o Tanner e essas metáforas encantantes de que, se calhar, vai agora falar o Wim Wenders. É uma cidade tão branca como ocre ou azul. A Vieira da Silva chama-lhe azul, outros chamam-lhe branca... O branco de Lisboa muda de minuto a minuto e tem de mudar, porque o sol tem refrações nas colinas. Gosto imenso das calçadas. Claro que gosto dos bairros típicos. De alguns. Gosto de Alfama — toda a gente gosta — gosto da Bica,

sobretudo. Mas é uma cidade que, quando se mete a monumental, se estampa. Gosto de Lisboa por muita coisa: sinto-me muito bem no Cais do Sodré, por exemplo.

P. — *E gosta das pessoas?*

R. — Gosto das pessoas do Cais do Sodré, assim como detesto as pessoas daqui [Alvalade, onde mora]. Aqui sinto-me mal. No resto, há uma coisa que ainda consigo, com algum esforço, de vez em quando, apanhar que é a voz da cidade. Está condenada à morte por causa da televisão. Daqui a pouco, está tudo a falar na linguagem plastificada da televisão.

P. — *Então o que é a voz de Lisboa?*

R. — São aqueles bocados que se encontram em Santa Catarina e, em sítios assim, certa gíria que ainda existe, é outra maneira de abordar a pessoa, é um sentido >>

## Se o seu bebé já come de faca e garfo, também temos.

Para o seu bebé temos leite, fraldas, cotonetes... coisas de bebé.

Para si, ou para um bebé mais crescidinho, temos pão com côdea, sanduíches, refeições, bebidas... Tudo. E mais alguma coisa: um horário realmente conveniente.

Todos os dias das 7h00 às 2h00\*

Pão de Açúcar  
**extra**

Tantas coisas até às tantas.

\*Excepto Carcavelos, Cascais e Lumiar, abertos das 7h00 às 24h00.



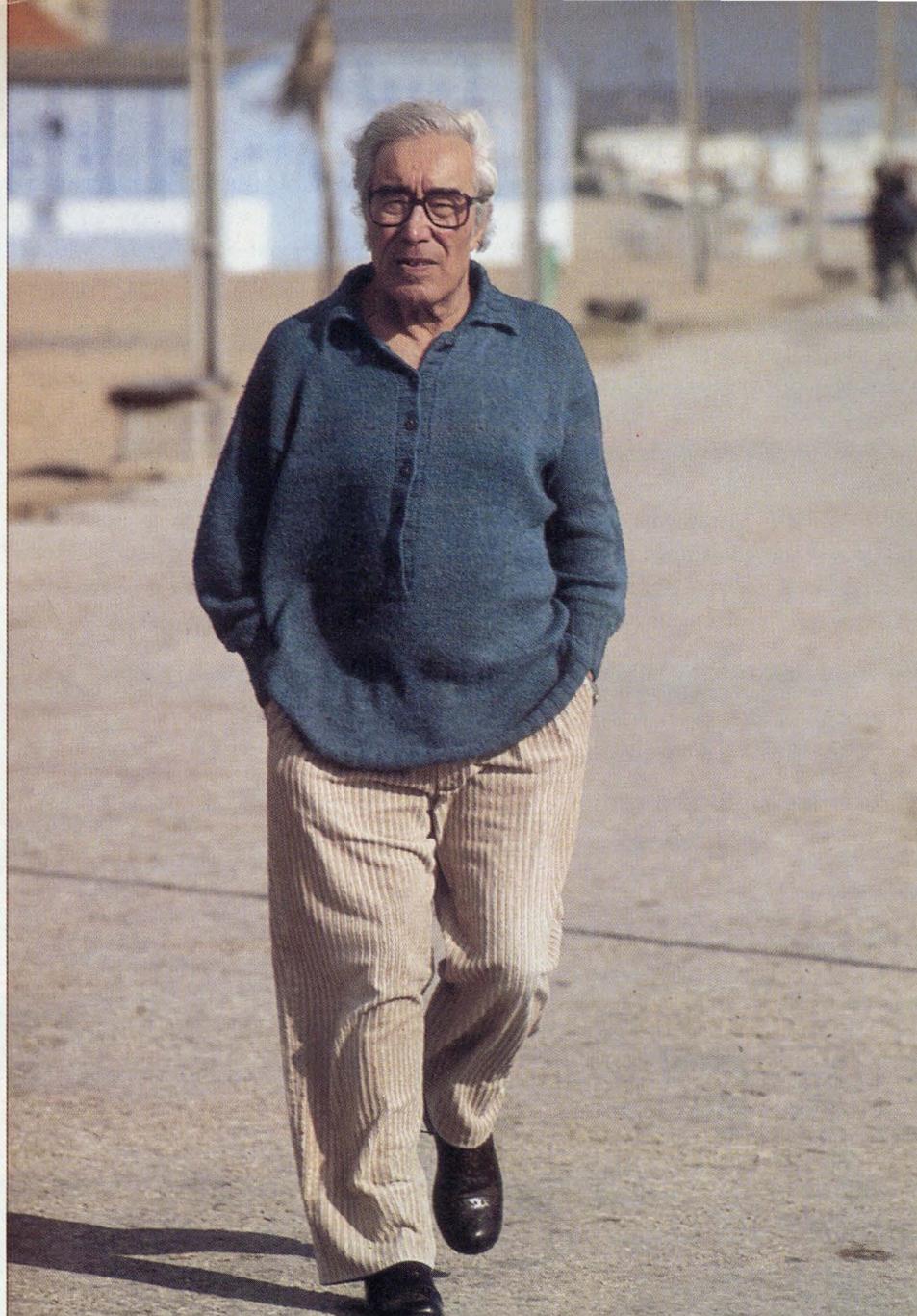
>> de humor — uma coisa que o lisboeta tem de muito importante, uma maneira irónica de tratar bem uma pessoa. Aparentemente, é agressivo porque tem vergonha de ser terno. Dizer “este cabrão que está aqui” — isto é de uma ternura bestial. É um pudor, é um tipo ter vergonha de dizer “este gajo porreiro que está aqui”, porque gosta de dar voltas ao discurso. O sotaque típico da Lisboa que está a morrer era um sotaque aparentemente agressivo e rouco que, na minha opinião, vem dos pregões. Infelizmente, hoje já não há mulheres na rua a apregoar, mas falavam assim também.

P. — *Pensando nos seus livros, como é que veio a fazer a “Cartilha do Marialva”, que não é contar uma história?*

R. — Foi numa altura em que eu li muito os libertinos e pensei que o século XVIII em França deu o antagonismo campo-cidade, que ainda hoje está a ser cultivado pelos políticos. Tudo o que nós temos de liberdade veio da cidade. A experiência sexual do menino da cidade é com as criadas de servir ou com a prostituição. É mais digna do que fazê-la com as cabras, como faz o camponês. Por outro lado, se não fosse o litoral, este país estava na extrema-direita. E houve uma universidade de lavradores chamada Coimbra, que felizmente já não o é mas que deu cabo deste país. Esta antinomia campo-cidade é que me levou a começar a estudar os libertinos, os jograis, os primeiros — e fui escrevendo. Depois, preocupou-me bastante um aspecto que é o papel da mulher. A moral paternalista e machista tem o campo na base, não a cidade. E, realmente, através da mulher percebe-se melhor uma sociedade do que através do homem. Aliás, a mulher é trágica, tem uma essência trágica.

P. — *Ligada ao ciclo da vida?*

R. — Todo o percurso dela é trágico. A



mulher, um belo dia, acorda e está menstruada — sangue. Tem um filho — sangue. A mulher tem uma menopausa que é dura, muito

mais dura do que a andropausa. A adolescência de um rapaz é aquela que eu tive, ali à volta do espelho, a puxar a barba de >>

## Se não quiser ver a dobrar, também temos.

Mesmo que não vá conduzir, recomendamos-lhe que não beba demasiado. Mas fazemos mais: nas Lojas Extra, para além de uma criteriosa selecção de vinhos e outras bebidas, vendemos-lhe água, chá, café, sumos... O que quiser.

Todos os dias das 7h00 às 2h00\*

Pão de Açúcar  
**extra**

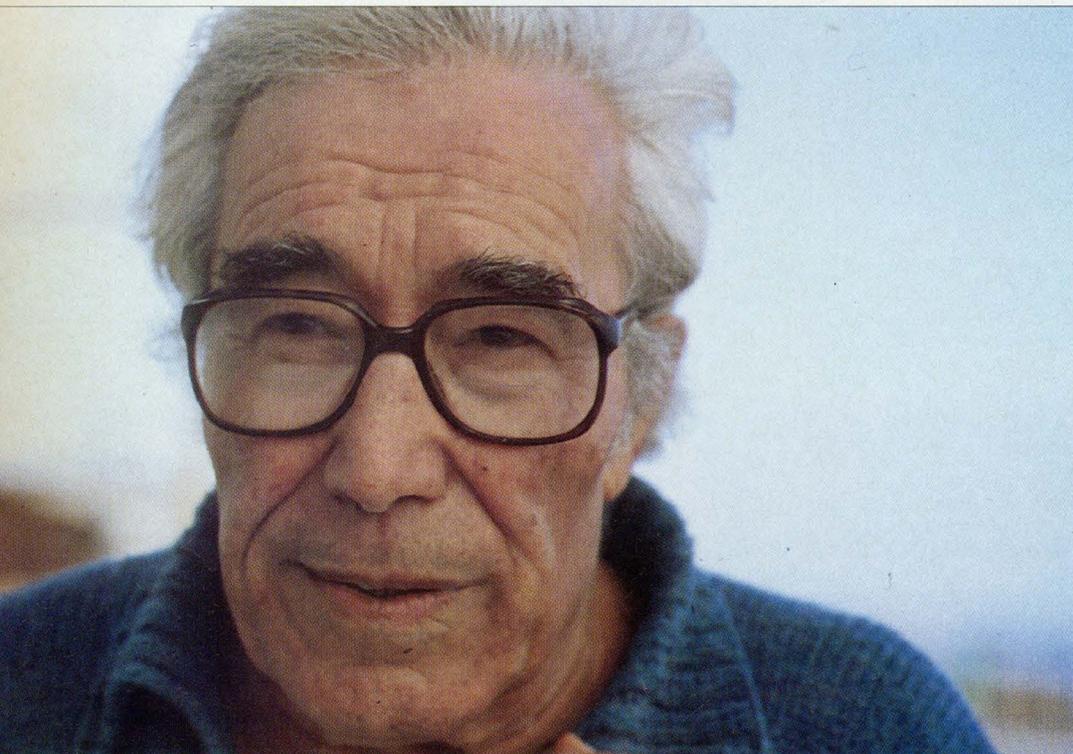
Tantas coisas até às tantas.

\*Excepto Carcavelos, Cascais e Lumiar, abertos das 7h00 às 24h00.



>> qualquer maneira... É ridícula, não tem piada nenhuma. Suporto-a, compreendo-a, mas com ironia. Por outro lado, a mulher é muito mais forte do que o homem. Aliás, morre mais tarde. Preocupe-me muito com as chamadas liberdades da mulher, que têm sido mentira. Apesar de termos uma das melhores constituições, em termos da liberdade da mulher, quero saber se isso resulta na prática, preocupo-me. Pode avaliar-se bastante, a uma primeira leitura, a liberdade de um povo pela liberdade das mulheres que fazem parte dele.

P. — *O Mário Dionísio diz que a sua escrita é muito cinematográfica e, de resto, isso sente-se nos seus livros. Faz isso intuitivamente ou estabelece um plano e move as per-*



*sonagens de acordo com ele, monta o livro como quem monta um filme?*

R. — A minha escrita é muito visual, procuro que seja. Conto muito com o leitor. Estou convencido de que, como anedota, se eu fizer uma tiragem de 30 mil exemplares, tenho 30 mil romances. Porquê? Suponha que eu abro um romance assim: “Ela era uma mulher elegante”. Os 30 mil que lêem esta frase “vêem” 30 mil mulheres elegantes diferentes. Depende da classe, de tudo... Mas prefiro parar aqui. A linguagem cinematográfica interessa-me imenso, sobretudo por causa da montagem.

P. — *Quer dizer que, quando vê um filme, está a reparar nisso?*

R. — Sim. Mais do que num romance, eu só vejo um filme depois de o ter visto. Porque,

na minha geração, a gente via um filme, enfiava-se num café e discutia-o. E estava a ver o filme outra vez e a descobrir coisas que lá estavam e não tinha visto. Uma coisa que também me influencia bastante, mais ainda do que o cinema, é a pintura.

P. — *Quando diz que a pintura o influencia, está a falar da imagem?*

R. — Não é isso. A escultura boa, como a de um Jorge Vieira ou de um Croft, e a boa pintura, como a da Paula Rego ou do Pomar, fascinam-me porque me provocam. É a expressão que corrompe mais o imediato e o real, dando o real. Uma das coisas que, a mim, mais me agradam e que eu gostaria de fazer era corromper o mais possível a língua. A primeira condição para escrever bem

é saber gramática, a segunda é esquecer-lá. Em tudo quanto se ama há o desejo de corromper. Corromper no bom sentido, de estragar descobrindo. Se se acertou na descoberta, ganha-se. Tudo quanto eu escrevi está muito longe disto e ainda tenho esperanças de conseguir. Quando uma pessoa diz uma expressão como esta — apanhei uma expressão bonita — “coisíssima nenhuma”, não há nada de mais belo, de mais difícil de dizer: transforma um substantivo num adjetivo, põe-no em superlativo absoluto. “Coisíssima nenhuma” é a aniquilação total de tudo, nunca se disse nada tão bonito e é isso que se diz aí na rua.

P. — *Mas no português há várias expressões assim ou é preciso trabalhar muito o volta disso?*

R. — Há várias expressões destas, mas é preciso trabalhar muito. Um poeta que faz esforços nesse sentido é o Herberto Helder. É talvez o único e o mais feliz. Nunca falámos disso um com o outro, mas eu sinto que ele anda à volta disso.

P. — *Como é que se trabalha nisso? É tentar, tentar, ir fazendo aproximações?*

R. — É tudo. É graças a deus. Quando está a escrever uma reportagem de responsabilidade, você tem deus ao seu lado. Só que ele está sempre de costas. De vez em quando, tem pena, lembra-se lá de si, o deus que é muito sacana por natureza — por isso é que ele é deus — vira-se e dá-lhe um sinal. E vem o achado. E você fica toda feliz. Escrever são esses achados: quando esse deus, esse espírito que é das coisas mais agressivas, mais intolerantes, mais fundamentalistas que há, de vez em quando tem o seu remorso e diz “Olha este desgraçado”, e dá uma ajuda. O tal “golpe de asa” de que fala o poeta. Acredito muito no irracional da escrita, por isso é que faço planos e deito planos fora.

P. — *Mas faz sempre planos?*

R. — Faço sempre planos, mas acabo por transformar e, às vezes, rejeitar tudo por inteiro.

P. — *Isso é muito intuitivo, sempre à pele. Está a escrever um texto e depois lê-o: como é que sente que não é “aquilo”? Não há um livro de regras explícitas...*

R. — Às vezes, sente-se no acto da escrita. A pior coisa que me pode acontecer é estar a escrever um texto e, de repente, dizer: “Mas eu já li isto em qualquer lado...” Naturalmente que fico angustiado, vencido. Mas fico muito pior se descobrir que fui eu que escrevi aquilo.

P. — *Já lhe aconteceu?*

R. — Já me aconteceu várias vezes. E então, aí, é a desgraça final. Afinal, fui eu que escrevi isto. Chiça, aonde eu cheguei! O Max Ernst (lá vou eu para os pintores) tem uma frase que eu ouvi na televisão e tomei nota: “Um pintor que se tenha encontrado a si próprio está perdido.”

P. — *Com um escritor é a mesma coisa?*

R. — A mesma coisa. A tranquilidade de se considerar pleno, encontrado, impede-o de, alguma vez, fazer alguma coisa de novo.

P. — *Por isso é que diz que o livro que está a escrever é sempre o melhor?*

R. — É sempre o melhor porque estou a encontrar-me. Eu estou convencido de que agora é que me vou encontrar. Por acaso, não tinha ligado uma coisa à outra, mas está bem, serve-me. Sinceramente. ●